

Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil

Edição especial da

**REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAU**  
**27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO**

Número 34, março de 2010

**SUMÁRIO DO CONTEÚDO EM PORTUGUÊS**

EXPEDIENTE.....	2
VENCEDORES DO 27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO (CATEGORIAS EM PORTUGUÊS):	
CONTO .....	3
POESIA .....	11
HAICAI .....	15
REGULAMENTO DO 28º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO .....	18
VENCEDORES DO 2º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA .....	19
QUEM FOI YOSHIO TAKEMOTO .....	22

Uma publicação da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil ([www.nikkeibungaku.org.br](http://www.nikkeibungaku.org.br)). Presidente: Atuo Takemoto. Endereço para correspondência: Rua Vergueiro, 819, sobreloja, sala 2, S.Paulo, SP, 01504-001. Email: [secretaria@nikkeibungaku.org.br](mailto:secretaria@nikkeibungaku.org.br). Editora de língua japonesa: Michiyo Nakata. Editor de língua portuguesa: Edson Kenji Iura. Impressão: Editora Gráfica Toppan Press Ltda.

Julgamento de Kasuko Hirata e Sumiko Nishitani Ikeda

SELEÇÃO DOS TRABALHOS PARA PUBLICAÇÃO  
NA REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAKU Nº 35

Estamos recebendo trabalhos literários a serem selecionados para publicação na revista Brasil Nikkei Bungaku nº 35, edição de julho de 2010.

Prazo de envio: 30 de abril de 2010.

Haikai: Até cinco haicais com temas de outono, datilografados ou digitados. Enviar para Edson Kenji Iura, Rua das Rosas, 126, apto. 21, S.Paulo, SP, 04048-000.

Poesia: até três poemas de, no máximo, 20 linhas, com tema e forma livres, datilografados ou digitados. Enviar para Yoji Fujyama, Rua Humberto I, 500, Apto. 41, S.Paulo, SP, 04018-031.

Conto: Até dois contos de, no máximo, dez mil toques (cerca de quatro laudas), com tema livre, datilografados ou digitados. Enviar para Kasuko Hirata, Rua Tucambira, 216, S.Paulo, SP, 05428-020.

Modalidades em japonês: as regras estão inseridas na seção em japonês da revista Brasil Nikkei Bungaku.

O Prêmio Especial coube a "Copacabana", de Maria Antonia Demasi (S.Paulo, SP). Menções Honrosas foram atribuídas a "Águas termais", de Giovani Roehrs Gelati (Uruguaiana, RS), e "O caso Couves", de Ricardo Lahud (S.Paulo, SP).

Todos os contos acima mencionados primam por uma linguagem cuidada, além da criatividade e enfoque atual, e apresentam a estrutura do gênero conto. Como se sabe, o conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão (no sentido estrito de tamanho), ainda que contenha os mesmos componentes do romance. Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total: o conto precisa causar um efeito singular no leitor; muita excitação e emotividade. É essencial, porém, que esta cena envolva tensão, conflito, mesmo que não claramente formulados; ou seja, deve remeter para os grandes dilemas da condição humana. E se o final funcionar como um clímax, ou como um anticlímax, melhor.

Não foi fácil selecionar os três melhores. O critério que adotamos apoia-se em três requisitos, isto é, o texto deveria apresentar:

- estrutura de conto;
- linguagem adequada ao gênero conto e ao assunto enfocado;
- criatividade.

Agradecemos à direção do Concurso a confiança que depositaram em nós e colocam-nos à sua disposição para outros eventos similares. A leitura dos contos proporcionou-nos momentos de lazer e de aprendizado.

Além dos trabalhos citados, mais sete autores foram indicados para terem seus contos publicados nas edições regulares da revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2010.

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA CONTO EM PORTUGUÊS

Prêmio Especial  
MARIA ANTONIA DEMASI  
S.Paulo, SP

COPACABANA

Helena saiu do apartamento apressada. Não sabia bem porque, mas sentia uma urgência úmida no ar. Chegando à portaria, sentiu medo. O zelador, de cara assustada, ao perceber a presença muda da velha senhora, lançou para o ar: Ela vai sair... Que é que eu faço? Helena não ouviu nada.

Já fazia alguns meses — ou seriam dias — que ela percebia nas pessoas reações estranhas, mas em nenhum momento arriscou entender o que poderia ser apenas uma sensação passageira. Livre! Foi a palavra que voou de sua boca assim que alcançou a calçada.

Pisou firme e partiu guiada pelo cheiro. Cheiro trazido pelo vento que conhecia desde sempre, só que nessa manhã ela não sabia ao certo o que era o sempre, o que fora o ontem e sobre o amanhã, bem a verdade é que o amanhã não tinha mais espaço reservado em sua mente. Duas quadras, doze amendoeiras (se é que ela não se perdeu ... nas contas, é claro) e de assalto um grande barulho e uma mão segurando seu braço direito.

O Guarda Municipal podia considerar seu dia ganho. Se não tivesse segurado Helena quando já colocava um pé no asfalto da famosa avenida... já era!

Bom dia senhora! Posso ajudar em alguma coisa? Sim, claro. Quero saber se já chegou.

Bom, disse o homem da lei, depende de onde a senhora quer chegar.

Helena sorriu como que por misericórdia. Como aquele jovem fardado sem o menor senso de direção, poderia então ajudá-la em alguma coisa? Agradeceu mesmo assim, desvencilhou-se da mão que insistia em segurá-la e como guiada agora por outra mão, a mão firme de seu protetor, São Sebastião, sentiu que poderia continuar andando.

Deu dois passos e o barulho que ouvira virou uma tempestade: raios e trovões, gente correndo em sua direção e de novo aquelas expressões que insistiam em persegui-la. Seus ouvidos, que até então pareciam tapados, subitamente abriram-se e ela pôde ouvir frases desconexas como: "vai ser atropelada", "como alguém sai de casa com essas roupas" "coitada", "cadê a família"...

Achou tudo muito confuso, mas conveniente porque foi apenas abrir os olhos que instintivamente haviam se fechado e chegar onde queria e não sabia.

Finalmente spirou Helena. Já era hora de poder se lavar. Fazia isso há sessenta e dois anos, desde o dia em que deixou para trás as Minas Gerais profundas — onde a maior água é a do velho Chico — para viver bem perto das "águas que não têm fim" como dizia

Começou a tirar o que vestia e estava grudado em seu corpo tão úmido quanto o ar que respirava com dificuldade irritante. Quase flutuando (era sempre assim) passou pelo que chamava de "colchão mais quente dessa terra tão quente" e extasiada, se deixou levar pelo abraço da água que sabia salgada. Sabia e sentia mais. Sabia que a água estava gelada e por isso, sentia raiva. Sempre que essa espécie de frio clínico invadia suas entranhas, sentia raiva. Muita raiva. Gélida raiva. Mas nunca resistia. Aceitava essa invasão com altivez estudada, quase decorada por alguma parte de sua mente que se ocupava em colocar suas temperaturas emocionais num grau socialmente aceitável.

Mas agora alguma coisa parecia ter mudado. Não sabia o que viria depois da raiva, o que deveria fazer depois dela passar, se é que ela passaria. E então veio o nada.

E Helena percebeu que o nada era um desconhecido. Começou a mover o corpo não só para esquentá-lo, mas para poder, quem sabe, deixar o nada mais à vontade (essa era também a láctica que usava para raiva).

Do nada para esquerda. O que viu encheu seus olhos. Uma grande construção, do tempo que o tempo apagou de sua mente. Tão grande, pensou, como um grande pai, corajoso e forte. Forte. Era esse o nome que sabia daquela estrutura encravada nas pedras. E Helena sentiu-se forte por ver e reconhecer. Ver com sentido. Ver entendendo como parte de sua vida espaços que a cercavam.

Mas isso durou pouco. Duas palavras, dez letras: d u r o u p o u c o. O nada voltou e do nada foi tirada pelo susto. Assustou-se com uma figura jovem apoiada em que considerou ser "uma tábua de passar roupa flutuante". Ao tentar aproximar-se percebeu que sua camisola (só agora percebia que estava com a camisola azul bebê que tanto gostava) havia se enroscado naquele estranho tipo de boia.

Desculpa aí! Foi mal. E o rapaz, meio sem jeito, como que adivinhando a necessidade do outro se encontrar, enunciou mais uma vez, o que para Helena ainda fazia parte do desconhecido. Acho que a senhora precisa de ajuda. Helena não entendeu e pensou: "Ajuda? Não entendi. De novo. Não entendi nada". Puxou a ponta de seu traje longo, deu dois passos para frente e parou. Foi parada. Pelo chão que afundava bem embaixo de seus pés. Pela água, que orgulhosa de ser água, afundava aquele que não conseguia saber quem era. "Como minha vida", pensou alto Helena.

E como já tinha feito tantas vezes em sua vida (apesar de agora não fazer a mais pálida ideia disso), decidiu reagir e seguir em frente. Pisou novamente no colchão quente. Só que dessa vez tinha os pés gelados, o que facilitou o que encarava como uma verdadeira jornada para onde não sabia. E quando estava quase chegando, reconheceu uma voz.

Mãe! Foi como a ducha fria, de água doce, que ela tanto gostava de tomar quando voltava para casa. Alívio. Porto seguro. Entrega. Mãe, eu sei onde a senhora quer ir. Vamos lá, eu ajudo.

E assim as duas mulheres, uma tão velha e fluida e outra tão jovem e tensa, chegaram trêpegas pelo calor e pela vida, ao banco onde o silêncio as esperava. Helena sentou-se com a elegância de uma verdadeira dama. Olhou para Drummond congelado e, exausta, balbuciou o segredo que se desvendava a cada encontro.

Não posso mais te encontrar. Tem um homem, acho que um alemão, um tal de Alzheimer, que não me deixa mais sozinha, tenta me prender em casa. Ele não quer que eu ande mais por... Como é mesmo o nome dessa praia?

Menção Honrosa  
GIOVANI ROEHR'S GELATI  
Uruguaiana, RS

Menção Honrosa  
RICARDO LAHUD  
S.Paulo, SP

### ÁGUAS TERMAIS

### O CASO COUVES

I

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
POLÍCIA CIVIL  
3ª DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER

BO nº 214/2009  
Delegada: Helena Graco  
Agente plantonista: Mariana Gonçalves

Compareceu a essa delegacia a Sra. Madalena dos Anjos, solteira, fagueira e bem apessoada nos seus trinta e poucos anos, cabelos bem tratados e tingidos no tom de loiro da moda, residente à Rua das Flores, número 81, apartamento 123, de sua propriedade, já quitado e mobiliado, no bairro do Jardim Japão, nessa capital, empregada há 5 anos como secretária bilingue numa importante multinacional de origem francesa, para prestar queixa contra o Sr. José das Couves, casado, moreno alto, cerca de 50 anos, desempregado, morador de aluguel na Rua 2, número 38, no bairro de Vila Independência, também nessa capital.

A querelante alegou que, na noite de ontem, foi procurada pelo canalha que pediu, e recebeu, sexo, várias vezes, forçando inclusive uma modalidade que ela preferia evitar, mais pela dor do que pelo desprazer. E declarou que, após o cigarro, a ducha e o vestir, ele comunicou, sem nenhuma explicação ou justificativa, que o caso que ambos mantinham, de comum acordo, por mais de 2 anos, estava terminado.

Como o safado, incontáveis vezes, declarou seu amor pela queixante, seja verbalizando em frente a testemunhas, seja em recados e torpedos telefônicos, seja em poemas, a Sra. Madalena dos Anjos solicita que o Sr. José das Couves seja preso, não só por estelionato, mas também por agressão grave, já que a atitude tomada destruiu de modo cruel as esperanças, e por furto qualificado, já que foram roubados os sonhos que a querelante vinha construindo, por meses e meses, de ter encontrado um amor sincero, sonhos baseados nas promessas explícitas feitas pelo acusado e, mais significativo e importante, sonhos baseados nas promessas implícitas que o vagabundo repetia todas as noites.

Eram vinte e três horas, ventava. O ginásio onde ficava a piscina térmica estava vazio, com apenas uma luz fraca iluminando um pequeno banheiro ao fundo. A piscina estava coberta com uma lona azul, impedindo que qualquer sujeira caísse na água até a manhã do dia seguinte, quando iniciavam as aulas de natação. Começou uma garoa fraca e o telhado de zinco aumentava dramaticamente o som da chuva. As inumeráveis frestas proporcionavam uma sinfonia assustadora do vento.

Jonas empunhava uma toalha, shampoo, sabonete e uma nova muda de roupa. Arrastava o chinelo havaianas e a barra da calça jeans roçava o chão, molhando nas poças d'água. Chegara uma hora atrás de viagem. Ele, Pedro, Airton, Vinicius e Maiara. Os anos nobres da juventude incitaram-nos a percorrer seiscentos quilômetros pedindo carona. O destino, a casa de praia de Airton. Andavam uma centena de quilômetros e entravam na cidade mais perto. Arranjavam algum lugar para dormir e na manhã do dia seguinte prosseguiriam com sua aventura. Já era o quarto dia e menos de cem quilômetros separavam-nos das águas salgadas do mar. Decidiram dormir aquela noite e na madrugada do dia seguinte *levantar acampamento*.

Jonas gostava de Maiara. Airton também gostava dela. Ela namorava Pedro. Vinicius não gostava de ninguém. Todos sabiam disso. Mas conviviam pacificamente. Até o momento.

Ficaram alojados num salão de festas de um clube, na entrada da cidade. Algumas teias de aranha, papéis higiênicos jogados ao chão, tocos de cigarro em cima das mesas e um engradado de cerveja num canto. Todas as garrafas estavam vazias. Realmente, fazia muito tempo que ninguém entrava naquela sala. As cadeiras e mesas estavam tomadas pelo pó.

Pedro já se banhara, Airton saía do chuveiro e Vinicius disse que não tomaria naquele dia. Maiara estava no banheiro. Jonas chegou à porta de vidro do ginásio e observou a piscina. Abriu devagar a porta e ela rangeu. Dissera-lhe que a seguisse sem que Pedro visse. E não houve problema com isso. O namorado já dormia fazia quinze minutos.

Contornou a piscina e dirigiu-se ao banheiro. Um chuveiro estava ligado. Tirou a roupa e deixou-a num canto. Entrou no banheiro e abriu o box. Lá estava ela, linda, exuberante, assobiando, com o corpo todo ensaboadado.

Passou meia hora e os dois ouviram um barulho na porta da entrada. Seria Pedro? Vou lá ver, disse Maiara. Jonas aproveitou e lavou-se. Secou o corpo e vestiu as roupas. Maiara não voltava.

Foi quando Vinicius também entrou no banheiro. Despiu-se. Era você? Eu o quê? Ouvi um barulho na porta, mas não sabia quem era. Hum... apenas disse. Vinicius entrou para o banho. Jonas saiu e não encontrou Maiara. Onde ela estava? Saira seminua e precisava pegar suas roupas antes de voltar para o pseudodormitório.

Empunhando o mesmo sabonete, o mesmo shampoo, a mesma toalha e a roupa suja, dirigiu-se à saída. Foi quando viu um canto da lona que cobria a piscina com um volume sob ele. Meio assustado, abaixou-se cautelosamente e descobriu a lona. Uma água avermelhada envolvia o corpo desfalecido de Maiara. O pescoço havia sido cortado.

Jonas gostava de Maiara. Airton também gostava dela. Ela namorava Pedro. Todos sabiam disso. Mas não sabiam que Vinicius gostava de Jonas.

II

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
POLÍCIA CIVIL  
3ª DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER

BO nº 217/2009  
Delegada: Helena Graco  
Agente plantonista: Plácida Vieira

Apresentou-se diante desta autoridade a Sra. Maria Carolina Santos das Couves, brasileira, casada, idade não declarada, para prestar queixa contra a Sra. Madalena dos Anjos por furto qualificado e incentivo à prostituição, visto que, segundo a declarante, essa rameira desqualificada usou de má fé e métodos impudicos para seduzir seu marido, José das Couves, conhecendo de antemão seu estado civil e religioso, já que, o que Deus uniu o homem não separa.

Não bastassem as práticas sexuais libidinosas e selvagens, que deveriam ser proibidas no Brasil, a semi-vergonha ainda pagava os favores do Sr. José das Couves com dinheiro para o jogo e para a cachaça, desestimulando o traste na procura de emprego fixo, já que teto, comida e roupa lavada são providos pela deponente, há mais de 10 anos.

Solicita também a queixosa que seja emitido, e cumprido, mandado de busca e apreensão contra a loira aguada, para que sejam recolhidos fotos, poemas, bilhetes, presentes e toda e qualquer manifestação de afeto por parte do Sr. José das Couves, por todas elas pertencerem à esposa legítima e a mais ninguém. Requer atenção especial a um cordão de ouro com o qual seu marido teria presenteado a amante após um acerto na centena, provavelmente na vaca.

III

A delegada ficou curiosa com o caso e intimou as partes para uma oitiva, mesmo não havendo violência ou ameaça de violência. Surpreendeu-a a figura do homem, mulato esguio de sorriso fácil, que se apressou a entrar na sala para cochichar no ouvido da autoridade o pedido que não o pusesse sentado ao lado de uma, contra a outra, pois não queria magoar nenhuma delas.

O arranjo da sala colocou as duas queixosas sentadas lado a lado, com o Sr. José sentado próximo à delegada. Ambas vieram vestidas e maquiadas para festa. Bastou um momento a mais de silêncio para que a primeira palavra fosse replicada num tom acima, o dedo anular de Maria Carolina respondido com o dedo médio de Madalena, unhas pintadas de prata metálico, o volume de vozes enchendo a sala até que o terceiro grito da policial fez o mundo calar.

Silêncio. Onde as senhoras pensam que estão? Façam-me o favor. As duas. Dona

certo ponto. Quando a outra bate na sua porta, aí já é demais. E esse negócio de até a morte os separe, não vale mais. É coisa de outros tempos. As senhoras são jovens, trabalhadoras, têm seus atrativos, podem arrumar coisa muito melhor, mas parecem viciadas no cidadão. Ele é de mel? É já que curo a dependência das duas. Estou emitindo uma ordem de restrição, válida por dois meses. Quando puserem os pés para fora da delegacia, nenhuma das senhoras poderá procurar, ligar, escrever, passar e-mail, visitar ou ficar no mesmo quarteirão que o Sr. José das Couves. As duas. E nem se procurarem. Vale o mesmo pra ele. Não poderá procurar, visitar ou se comunicar com nenhuma de vocês pelo período de dois meses. Se alguém descumprir a ordem, prendo na hora. Nem mas, nem meio mas. Dispensadas, as duas. O Sr. José fica para mais uma palavra. A senhora não entende o que imediatamente significa? Ele não vai passar na sua casa, ou na dela, para roupa, dinheiro, documento ou qualquer outra coisa. Fora, as duas. Passar bem. Em dois meses, entro eu em contato com as senhoras. O senhor entendeu a ordem de restrição? O senhor tem algum outro lugar para dormir, alguma outra moça? Tem alguma muda de roupa em algum esconderijo? Tem algum dinheiro? Não? Esta é a chave do meu apartamento, algumas roupas do meu ex-marido, que escaparam da tesoura, devem servir. Há uma padaria, na mesma rua, almooce lá e compre umas cervejas. Chego em casa por volta das sete, me aguarde.

27ª CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Julgamento de Eunice Arruda e Yoji Fujiyama

Ter algo a dizer — sobretudo algo que remove, insistente, dentro de nós — ainda é um dos caminhos validamente reservados para a poesia trilhar. É o que ocorre com o poema “O irmão”, de Elias Antunes (Brasília, DF), enriquecido pelo alinhavado harmônico, límpido, singelo da linguagem. Foi-lhe conferido o Prêmio Especial.

A Menção Honrosa coube aos poemas “Lendário”, de Silvana Elizabeth dos Santos (Nova Iguaçu, RJ), e “Movimentos”, de Solange Firmino de Souza (Rio de Janeiro, RJ).

Adicionalmente, sete autores foram indicados para terem seus poemas publicados nas edições regulares da revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2010.

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Prêmio Especial  
ELIAS ANTUNES  
Brasília, DF

O IRMÃO

O outro é o irmão amparado  
na cruz;  
o outro é a bagagem de amor  
e de sonho contra a canção  
do abismo;  
o outro é o tempo líquido na  
mão direita, o sol na pele  
da verdade;  
o outro é o espelho,  
os cães caçando,  
o coração do pássaro azul voando pela janela;  
o outro é a ponte sobre o desfileiro;  
a lâmpada acesa  
na casa escura;  
o campo de trigo sob a chuva;  
o quintal cheio de pássaros e frutos;  
uma rua sem nome, quando os caminhos foram  
desfeitos;  
o outro é você mesmo, seu sonho e  
sua história, sua vocação para a eternidade.

Menção Honrosa  
SILVANA ELIZABETH DOS SANTOS  
Nova Iguaçu, RJ

LENDÁRIO

Um uivo preencheu o plenilúnio  
Da janela despreendeu-se um murmúrio  
Ela pálida  
Ele sombrio

Taciturno amor dos diferentes  
O mistério ligou estes dois entes  
Ela ávida  
Ele vadio

O risco dos impossíveis amores  
Torna lenda esta história de ardores  
Ela impávida  
Ele arredio

O fantástico uniu os dois num infinito  
Tão imaginário como a crença em um mito  
Ela já estática  
Ele então, mais uma vez, sozinho

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa  
SOLANGE FIRMINO DE SOUZA  
Rio de Janeiro, RJ

MOVIMENTOS

o mundo gira em ritmo novo  
sua repetição de silêncio ruído morte nascimento guerra

Os dias, como os diferentes rios de Heráclito,  
dançam com os astros em loucas geometrias

As longas noites siderais não têm relógios  
e seguem sua procissão contínua

inspiro e respiro enquanto estrelas se formam a cada instante  
[e os raios de sol tocam seus  
acordes nas frestas dos ventos

No mistério da existência, meu filho sorri

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Julgamento de Edson Kenji Iura e Teruko Oda

Para participação na categoria Haikai em Português do 27º Concurso Literário Yoshio Takemoto, o regulamento exigiu a inscrição, por cada autor, de um conjunto de dez poemas independentes, ainda que tivessem unidade temática ou de outra espécie. Dentre os trabalhos recebidos, dois foram indicados para receber Menção Honrosa: "Silêncio da tarde", de Benedita Azevedo (Magé, RJ) e "Ipê amarelo", de Maria Heloisa de Souza Mello (Santos, SP).

As duas autoras empregaram técnicas comuns ao que se convencionou chamar de "haikai tradicional", quando escrito em língua portuguesa. Verificou-se a estruturação de cada poema em três versos de cinco, sete e, novamente, cinco sílabas métricas, sem título. Na maioria dos poemas, também se nota a separação em duas metades, tradicionalmente explicitada por um sinal de pontuação. Por fim, o uso de palavras-de-estação (*kigo*) indica a filiação das autoras ao ramo tradicional do haikai.

Outros oito autores foram indicados para terem haicais selecionados publicados nas edições regulares da revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2010.

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa  
BENEDITA AZEVEDO  
Magé, RJ

SILÊNCIO DA TARDE

Silêncio da tarde —  
Só o farfalhar das folhas  
Na aragem que passa.

Brisa da manhã —  
No cheiro de maresia  
Regresso à infância.

Ao romper da aurora  
Suave perfume no ar —  
Outra vez setembro.

Manhã bem nublada —  
Só o brilho dos cacaus  
pendentes do galho.

Bougainvillea em flor  
Cobrindo toda a murada —  
Ah, são tantas cores!

As ondas do mar  
Recolhem as cores do céu —  
Partida de pássaros.

O ipê amarelo  
Reflete o brilho do sol —  
Na sombra um cavalo.

Visita à fazenda —  
As flores da primavera  
Também no vestido.

Ao final da tarde  
O peão volta à fazenda —  
Canta o bem-te-vi.

O vaso de frésias  
Sobre a mesinha de centro —  
Sala iluminada.

27º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO  
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa  
MARIA HELOISA DE SOUZA MELLO  
Santos, SP

IPÊ AMARELO

Ipê amarelo—  
Denso tapete de flores  
nas pedras molhadas.

Por entre o verde  
um fio de contas de cristal—  
Manhã de inverno.

Sem horizonte  
a tão familiar paisagem—  
Praia de inverno.

Perfume pelo ar  
no jardim da velha casa—  
Acácia mimosa.

Sardinha fresca—  
Nesta barraca da feira  
nada mais resta.

Em meio aos sonhos  
uma única melodia—  
Lá fora, os grilos.

A velha foto  
de repente realçada—  
Um vagalume.

Mar de primavera—  
As pegadas do andarilho  
já quase apagadas.

Pontinhos de luz  
nesta escuridão do beco—  
Acácia mimosa.

Sensualmente,  
flutua num suave vaivém  
a lua cheia.

## 28º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO

A Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil já está recebendo trabalhos para concorrerem nas dez modalidades literárias do 28º Concurso Literário Yoshio Takemoto, sendo três em português: haicai, poesia e conto, mais sete modalidades em japonês: *shôsetsu* (conto), *zui-hitsu* (ensaio), *tanka* (poesia lírica), *haiku* (haicai), *shi* (poesia livre), *senryû* (poesia satírica) e *hon-yaku* (tradução do português para o japonês).

### REGULAMENTO

1. Para haicai, deve ser enviado um conjunto de exatos dez haicais, inéditos, de tema livre e forma tradicional, por concorrente.
2. Para poesia, serão aceitos até dois poemas inéditos por concorrente, de tema e forma livres, com até 20 linhas cada um.
3. Para conto, serão aceitos até dois trabalhos inéditos por concorrente, com tema livre e até dez mil toques cada um.
4. Para as modalidades em japonês, as regras estão inseridas na seção em japonês da revista.
5. Todos os trabalhos deverão ser encaminhados por via postal para o 28º Concurso Literário Yoshio Takemoto, Rua Vergueiro, 819, sobreloja, sala 2, S.Paulo, SP, 01504-001.
6. O prazo de envio dos trabalhos é 15/09/2010, valendo a data de carimbo dos correios.
7. Os trabalhos devem ser enviados em três cópias. Nome do autor, endereço postal e telefone devem constar do rodapé da primeira cópia.
8. Para cada modalidade, dois trabalhos serão selecionados para receber Menção Honrosa.
9. Adicionalmente, um trabalho de cada modalidade poderá ser selecionado para receber o Prêmio Especial.
10. Prêmios:
  - a. Prêmio Especial para *shôsetsu* (conto em japonês): R\$ 700,00.
  - b. Prêmio Especial para as demais modalidades: R\$ 500,00.
  - c. Prêmio para Menção Honrosa: R\$ 150,00.
11. Todos os premiados das categorias em português receberão diplomas.
12. Os selecionados para o Prêmio Especial receberão uma anuidade gratuita da Revista Brasil Nikkei Bungaku. Convidamos os ganhadores a se associarem a partir do segundo ano.
13. Os resultados serão divulgados até 30 de novembro de 2010.
14. A cerimônia de premiação será em março de 2011.

## 2º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA

A Associação Cultural Nikkei Bungaku do Brasil, em parceria com o Grêmio Haikai Ipê, promoveu, durante 2009, o 2º Concurso de Haikai Masuda Goga, aberto ao público em geral, com o objetivo de divulgar o haikai. O concurso foi dividido em duas categorias, infanto-juvenil e adulta, para cada uma das quais foram escolhidos e premiados cinco autores. O julgamento foi de Teruko Oda e Edson Kenji Iura.

Masuda Goga (1911-2008) foi mestre de haikai em japonês e português. Jornalista, escritor e artista plástico, ajudou a fundar, em 1987, o Grêmio Haikai Ipê. Em 2004, recebeu o "Masaoka Shiki International Haiku Prize", por seu esforço na divulgação do haikai no Brasil.

### 2º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA VENCEDORES DA CATEGORIA INFANTO-JUVENIL

#### 1º lugar

Férias no camping—  
Debaixo do ipê-roxo  
Amizade começa.

Débora de Souza Santos  
São Paulo, SP

#### 2º lugar

Velhinhos não se cansam  
Dançam mais uma vez—  
Festival do Japão.

Everton dos Santos Alves  
São Paulo, SP

#### 4º lugar

Velho ipê-roxo—  
Apenas um galho florido  
Balança ao vento.

Tiago de Souza Almeida  
São Paulo, SP

#### 3º lugar

Festival do Japão—  
Pessoas passeiam alegres  
Ao som dos tambores.

Ana Carolina Tavares  
São Paulo, SP

#### 5º lugar

Festival do Japão—  
Contorna toda a feira  
O dragão dançando.

Nauane Mírele Golveia da Silva  
São Paulo, SP

### 2º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA CATEGORIA ADULTA

#### 1º lugar

Menina descalça  
na calçada do ipê-roxo  
saltita entre as flores.

Neide Rocha Portugal  
Bandeirantes, PR

#### 2º lugar

O pátio do asilo—  
no meio da solidão  
um velho ipê-roxo

Eduard Tara  
Iasi, Romênia

#### 4º lugar

Têm a mesma cor  
Do casaco da mocinha—  
Flores de ipê-roxo.

Mahelen Madureira  
Santos, SP

#### 3º lugar

meninas com flores  
em baixo do ipê-roxo  
brincam de casinha

Clarice Villac  
Campinas, SP

#### 5º lugar

A rua enfeitada.  
Rolando pelas calçadas  
flores de ipê-roxo.

Analice Feitoza de Lima  
São Paulo, SP

## QUEM FOI YOSHIO TAKEMOTO DADOS BIOGRÁFICOS

- Nasceu em 15/10/1911, na província de Okayama, cidade de Okryoshihara, bairro de Kumayama, Japão.
- Em 1930, aos 19 anos de idade, imigrou para o Brasil, estabelecendo-se no núcleo de colonização Primeira Aliança, município de Mirandópolis, região noroeste do estado de São Paulo.
- Em 1935, mudou-se para a cidade de São Paulo, sendo contratado para lecionar língua japonesa na escola *Guiossei Gakuen*. Nessa época, também exerceu o cargo de redator da revista cultural *Kooya no Hoshi*.
- Em 1936, tornou-se membro-fundador da *São Paulo Tanka-kai* (associação de praticantes de poesia *tanka*).
- Em 1937, tornou-se membro-fundador da revista cultural *Tihei-sen*, ocupando o cargo de tesoureiro.
- Em 1938, tornou-se membro-fundador da revista *Yashi-ju*, de poesia *tanka*, onde exerceu o cargo de redator (edições 1 até 16).
- Em 1939, tornou-se membro da *Brasil Jiho Kadan* (coluna de *tanka* do jornal *Brasil Jiho*), exercendo o cargo de selecionador de *tanka*.
- Em 1940, tornou-se redator da revista *Kodomo no sono* (revista para adolescentes nisseis).
- De 1941 a 1948, período que inclui a II Guerra Mundial, morou em Mogi das Cruzes, SP, onde lecionou língua japonesa.
- Em 1949, retornou à cidade de São Paulo, passando a ocupar o cargo de mestre selecionador de poesia *tanka* na coluna *Nippaku Kadan* do Jornal *Nippaku Shimbun*.
- Em 1956, empregou-se na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (*Bunkyo*) como redator da revista *Colônia*.
- Em 1959, foi nomeado redator-chefe da edição do *Nippongo Kyokasho* (livros didáticos para o ensino de língua japonesa adaptados ao panorama brasileiro e voltados a nisseis e sanseis), completando os tomos 1 a 11.
- Em 1965, fundou, como principal membro, a associação *Colônia Bungaku-kai* e, ao mesmo tempo, lançou a revista *Colônia Bungaku*, que foi editada até o tomo 30.
- Em 1974, fundou a revista *Colônia Shiika-kai*, dedicada exclusivamente à poesia em língua japonesa dos gêneros *haiku*, *tanka* e *shi* (livre).
- Em 1979, publicou três tomos do livro *Colônia shoosetsu senshu* (contos).
- Em 1980, fundou a revista *Colônia Shibungaku* (antecessora da revista *Brasil Nikkei Bungaku*, que chegou até a 60ª edição).
- Yoshio Takemoto faleceu em 21/01/1983. Sua sepultura encontra-se no Cemitério da Paz, em São Paulo.
- No mesmo ano de 1983, em homenagem póstuma, a revista *Colônia Shibungaku* lançou o 1º Concurso Literário Yoshio Takemoto.
- Em 21/01/2003, no 20º ano de seu falecimento, foi inaugurada lápide em homenagem ao professor Yoshio Takemoto na Praça Almeida Junior, bairro da Liberdade, cidade de São Paulo.
- 2010 marca a entrega dos prêmios do 27º Concurso Literário Yoshio Takemoto.